



Educação Continuada: importância e necessidade para o sucesso profissional

19/03/2018 - Em [Artigos](#)

Blog da Reitoria nº 335, de 19 de março de 2018

Por Prof. Paulo Cardim

**“Ensinar exige rigorosidade metódica” (Paulo Freire)
“Avaliar também” (Paulo Cardim)**

Na era da globalização e do conhecimento, com as mudanças radicais nas tecnologias da informação e da comunicação, o conceito de geração tem passado por diversos estudos e significados. Segundo Zygmunt Bauman (1925-2017), por exemplo, respeitado sociólogo e filósofo polonês, as fronteiras que separam as gerações não são claramente definidas. As gerações passaram a ser classificadas a partir do impacto sobre a forma como jovens e adultos enfrentam e superam os desafios surgidos na sociedade, no trabalho e na educação, em todos os níveis.

De acordo com grande parte de eminentes pensadores, os saltos geracionais estão acontecendo com maior rapidez. As chamadas gerações X, Y e Z vêm demonstrando essa tendência, respectivamente, nas décadas de 80, 90 e 2000, com ligeiras alterações. Isto porque o desenvolvimento socioeconômico e a economia de rede (internet) estão influenciando profundamente o comportamento das pessoas. A juventude dessas décadas passou por transformações radicais no uso das tecnologias, na forma de comunicação e nas profissões. A economia e o mundo do trabalho responderam a esse impacto com a criação de novas profissões que possam satisfazer aos novos fazeres, às novas competências e habilidades, necessários ao desenvolvimento sustentável das nações e, enfim, do nosso planeta. O acesso remoto, via redes de computadores, criou inéditas formas de atividades laborais, sem a necessidade da presença física do trabalhador na empresa em que presta seus serviços. Hoje, um empregado pode estar no Japão e a sua empresa funcionar apenas no Brasil.

Essas transformações radicais no trabalho, nos relacionamentos, no consumo, no lazer, nas artes, tiveram influências impactantes na educação, em todos os níveis. Muitas instituições de ensino tradicionais, como universidades criadas há séculos,

por exemplo, estão enfrentando desafios imensos para o atendimento a essas mudanças e às gerações deste século 21.

Essas questões levaram a ONU, por intermédio da Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura (Unesco), a iniciar estudos para as transformações iniciadas na década de 80. A Unesco criou, então, a Comissão Internacional sobre Educação para o Século XXI, liderada por Jacques Delors, economista e político francês. A Comissão trabalhou entre março de 1993 e setembro de 1996. Ao concluir os seus trabalhos, elaborou um documento, conhecido como Relatório Jacques Delors, sob o título Educação – Um tesouro a descobrir.

Esse documento ressalta “os múltiplos desafios suscitados pelo futuro”, onde “a educação surge como um trunfo indispensável para que a humanidade tenha a possibilidade de progredir na consolidação dos ideais da paz, da liberdade e da justiça social”. E, na conclusão, a Comissão faz questão de afirmar sua “fé no papel essencial da educação para o desenvolvimento contínuo das pessoas e das sociedades”.

O Relatório, aprovado pela conferência da Unesco, realizada em Paris, em 9 de outubro de 1998, deixa claro que, no final do século 20, já existe uma demanda sem precedentes na educação superior, paralela às transformações que vêm ocorrendo na sociedade e na economia. O Capítulo 4 do Relatório Delors destaca os quatro pilares da educação para o século 21, com pistas e recomendações da mais alta importância para os hodiernos paradigmas para esse setor da economia. Realça a importância da educação ao longo da vida e recomenda os quatro pilares para o alcance desse objetivo: aprender a conhecer, aprender a fazer, aprender a conviver e aprender a ser. “Aprender a aprender, para beneficiar-se das oportunidades oferecidas pela educação ao longo da vida” é a recomendação básica surgida na conferência de Paris. Esse processo conduz a outra mudança de paradigma, do processo ensino-aprendizagem para o processo de aprendizagem, no qual o educando é o personagem central e o educador o facilitador, o orientador, conduzindo o educando para o que ele deve ser capaz de fazer e acompanhar, na educação continuada, a evolução da sociedade, da economia, do exercício da cidadania e de profissões.

O educando deve ser conduzido a adquirir competências de autonomia, de adaptação à mudança e aos desafios que estão ocorrendo com maior velocidade no mundo do trabalho. A aprendizagem ao longo da vida é de importância fundamental para o sucesso pessoal e profissional.

Para tanto, as instituições de ensino superior (IES) dispõem de talentos humanos a serem permanentemente submetidos aos processos variados de aprendizagem – educandos e educadores –, apoiados nas tecnologias da informação e da comunicação, a serem usadas nos diversos ambientes de aprendizagem, presencial e a distância. A educação ao longo da vida, na educação superior, passa por vários níveis – graduação, pós-graduação lato sensu (especialização, aperfeiçoamento e atualização) e pós-graduação stricto sensu (mestrado e doutorado acadêmicos e profissionais) – e novas modalidades de aprendizagem, com o uso intenso das

tecnologias da informação e da comunicação, com o surgimento de novos ambientes de aprendizagem, além da tradicional sala de aula. A arquitetura da sala de aula também deve ser repensada, para o aprendizado em grupos, mais eficaz e eficiente. Este é o desafio que se impõe para as IES e para os estudantes e trabalhadores. Cada vez mais teremos o trabalhador-estudante e o estudante-trabalhador. Não há mais espaço para a estagnação de um e de outro. O trabalhador que pretenda ter sucesso no mercado de trabalho, em qualquer setor da economia, terá de ser um aprendiz permanente, no ensino formal ou informal, na graduação ou na pós-graduação, a distância ou presencial.

A educação ao longo da vida chegou para ficar, para acompanhar as mudanças cada vez mais vertiginosas na sociedade global. Uma verdade reconhecida por Charles Darwin (1809-1882), biologista e naturalista inglês, no século 19: “As espécies que sobrevivem não são as mais fortes, nem as mais inteligentes, e sim aquelas que se adaptam melhor às mudanças”.

“É mais fácil governar um povo culto, cioso de suas prerrogativas e direitos, que tem nítida a compreensão de seus deveres, que um povo ignaro, indócil, sem iniciativa e inimigo do progresso”.

“O papel da instrução é preparar e formar homens capazes e úteis à sociedade; o papel do governo é fornecer meios fáceis de se adquirir a instrução, disseminando escolas e patrocinando iniciativas boas confiadas à competência e ao amor de quem promove tão nobilitante tarefa”.

Prof. Carlos Alberto Gomes Cardim

Diretor da Escola Normal Caetano de Campos

Educador e Inspetor de Alunos, 1909

Irmão do fundador do

Centro Universitário Belas Artes de São Paulo

Pedro Augusto Gomes Cardim.